VI ComCult 08 e 09/11
VÍNCULOS, REDES E AMBIENTES
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

A CIDADE COMO INSTÂNCIA COMUNICACIONAL: UMA REFLEXÃO TEÓRICA[1]

THE CITY AS A COMMUNICATION INSTANCE: A THEORICAL REFLECTION

Guy Pinto de Almeida Jr.[2]

Resumo
Apresentamos uma reflexão teórica acerca da cidade como instância comunicacional. Nosso objetivo é trazer uma análise de como a produção de sentidos dos discursos midiáticos da e na cidade é significativa para a constituição da urbe contemporânea e mostrar a importância da comunicação como um dos eixos epistêmicos para compreensão da cidade e a vida em comunidade. Colocaremos em diálogo reflexões teóricas sobre a cidade a partir de diversos autores, que se inseriram por vias das mais diversas no campo da comunicação, como Canclini (2002) e Orlandi (2004). Tentaremos, assim, demonstrar como a comunicação também é uma disciplina do espaço evidenciando que cidade e comunicação se relacionam por meio de um processo simbiótico.
Palavras-chave: Cidade. Comunicação. Ecologia da Comunicação Urbana. Produção de Sentidos. Comunicação de Massa.

Abstract
We present a theoretical reflection about the city as a communicational instance. Our objective is to provide an analysis of how the production of meanings of the media discourses of and in the city is significant for the constitution of the contemporary city and show the importance of communication as one of the epistemic axes for understanding the city and community life. We will put in dialogue theoretical reflections on the city from several authors from the field of communication, such as Canclini (2002) and Orlandi (2004). We will try, therefore, to demonstrate how communication is also a discipline of space, evidencing that city and communication are related through a symbiotic process.

Keywords: City. Communication. Ecology of Urban Communication. Production of Meanings, Mass Communication

---

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 3. Ecologia comunicativa comunitária, do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

[2] Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM (PPGCOM-ESPM). Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Comunicação, discursos e biopolíticas do consumo da ESPM. Professor dos cursos de Rádio, TV e Internet, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda na Faculdade Paulista de Comunicação. guyalmeidajr@gmail.com.

Introdução

Placas de sinalização, nomes de rua, mapas, outdoors, grafite, periódicos e toda uma miríade de elementos compõem um sistema complexo de comunicação que foi essencial – assim como o consumo –, para que a cidade se descortinasse e desenvolvesse ao longo da história. Essa relação simbiótica é essencial para compredermos a cidade contemporânea, o historiador Lewis Mumford a destaca, enfatizando como o comércio e, consequentemente, a Comunicação propiciaram uma ampliação do intercurso humano, transformando as cidades:

> Mais importante, afinal de contas, que a distribuição mais ampla dos produtos no mercado foi o desenvolvimento do sistema de comunicação que cresceu ao lado dele: o registro permanente parece ser, a princípio, um subproduto das transações de mercado e a maior invenção, após as notações linguísticas e numéricas, foi a invenção do alfabeto, obra dos comerciantes fenícios. Com o comércio, veio o intercurso humano numa escala maior do que em qualquer outra ocasião anterior. A Suméria era caracterizada como 'multilingue', e a difusão e padronização das linguagens locais deram à cidade sua situação especial de centro de comunicações, sede de uma literatura comum, na qual outros centros eventualmente viriam a tomar parte." (Mumford, 1965, p. 100 e 101)

Não são somente os objetos genuínos da comunicação conformam os sistemas de comunicação na cidade, mas também praças, ruas, a multidão, a mobilidade urbana nos horários de pico (ou não), as formas de ocupação do espaço, o rap, o comércio, o fluxo dos transeuntes, dentre tantos outros exemplos. Tudo isso é o que chamamos de Ecologia da Comunicação Urbana.

Na contemporaneidade todos esses sistemas se intensificam e se interrelacionam cada vez mais, tornando-os ainda mais significativos para a urbe, pois a experiência urbana e a interação das pessoas na e com a cidade ocorre por meio desse emanharado de possibilibidades da rede comunicacional contemporânea. Diante disso, é razoável asseverar que a comunicação é um processo imprescindível para pensarmos toda e qualquer organização urbana.

Neste trabalho apresentaremos uma reflexão teórica acerca da cidade como instância comunicacional, ou seja, elucidaremos o quanto processos comunicativos e midiáticos são fundamentais para pensarmos a urbe e sua conformação. A Ecologia da Comunicação Urbana é o nosso objeto de estudo, para o qual nosso objetivo é trazer uma análise de como a produção de sentidos, da e na cidade, é significativa para a constituição da cidade contemporânea e mostrar a importância da comunicação como um dos eixos epistêmicos para compreensão da cidade.

Para tal, colocaremos em diálogo reflexões teóricas sobre a cidade de diversos autores, que, em muitos momentos de suas carreiras acadêmicas, se inseriram por vias das mais diversas no campo da comunicação. Tentaremos, assim, demonstrar como a comunicação também é uma disciplina do espaço, tal como a Geografia ou o Urbanismo, evidenciando que cidade e comunicação se relacionam por meio de um processo simbiótico.

Dentre esses autores podemos citar pesquisadores brasileiros: a linguista Eni Orlandi; as professoras e pesquisadoras Lucrecia D'aléssio Ferrara, Maria Helena Weber, Rose Melo Rocha e Tania Hoff e a antropóloga Janice Caiafa; e o estrangeiros: o antropólogo italiano Massimo Canevacci; o também antropólogo argentino/mexicano, Néstor Garcia-Canclini; o filósofo espanhol/colombiano, Jesús Martín-Barbero e a professora e pesquisadora mexicana Mabel Piccini.

Toda reflexão terá como lócus a cidade de São Paulo na contemporaneidade. Escolhemos um percurso teórico deveras heterogêneo, pois entendemos, como nos ensina Canevacci, que há, na cidade (de São Paulo), uma sobreposição de sentidos, sendo a comunicação o elemento hegemônico:

> São Paulo é um híbrido urbano, um sincretismo topológico territorial no qual se sobrepõem os sentidos de uma intensa pós-modernidade aos dolorosos – e às vezes mesmo perigosos e tristes – aspectos de uma pobreza que as minhas etiquetas antropológicas se recusavam a definir como "terceiro mundismo". É este o novo grande fetiche-virtual urbano que parece ter a comunicação como seu elemento hegemônico, aquelas comunicações polifônicas que se inserem de maneira "desordenada" no interior das categorias clássicas de produção-circulação das mercadorias. (Canevacci, 2004, p. 17)

Nosso caminho para explanação sobre a cidade como "híbrido urbano" no qual a comunicação e os processos comunicacionais têm preponderância, será percorrido a partir do entendimento que a tessitura discursiva faz circular e promove sentidos sobre a cidade. Assim, abordaremos a questão da "Cidade Discursiva", passaremos pela compreensão da Polifonia e Polissemia na Urbe, a "Cidade-mídia" e, por fim, as produções de sentido que trazem representações do urbano.

Este texto é parte reduzida e adaptada do capítulo *A cidade como instância Comunicacional*, da tese *Comunicação Midiática e Biopolíticas do Consumo: da Cidade Discursiva aos discursos sobre moradia*, a ser defendida em 2020 por este pesquisador.

Cidade, um discurso formado por tantos outros

Como os discursos são conformadores do espaço urbano? Toda cidade é antes de tudo um discurso que conforma sua ecologia comunicacional. Todas têm nome, código postal, o gentílico, suas narrativas, sotaques, itinerários das linhas de ônibus, grafites etc. Todos esses exemplos são discursos referenciais que, em maior ou menor grau, produzem sentidos sobre e na cidade, seja ela qual for, como elucida Eni Orlandi:

> A cidade tem assim seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafitos, pichações, inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos. Como *flagrantes* de um olhar (um corpo) em movimento. São formas de significar com sua poética, por assim dizer, incluídas na própria forma material da cidade. Não se destacam dela senão para funcionar como *lembretes* (chamadas) para o exterior. E isso é que faz com que aí se inaugurem outras formas de narratividade que não têm um narrador com seu "conteúdo", nem são textos fechados, destacados das condições de que fazem parte. (Orlandi, Cidade dos sentidos, 2004, p. 31)

Há ainda os discursos do marketing, que são construídos especificamente para designar as cidades ou categorias delas. Expressões como "A cidade Maravilhosa", "A cidade que não para", "Cidade sustentável", "Smart city", "Cidade perdida" fazem parte desses discursos que, intencionalmente produzidos e reproduzidos, legitimam determinadas condições simbólicas das cidades. Eles não se desenvolvem necessariamente nas interações sociais e nas práticas discursivas das teias sociais das ruas e das cidades, mas são idealizados a partir da racionalidade do planejamento urbano e depois que circulam, entram na dinâmica discursiva e se misturam às práticas discursivas.

Com essas breves explanações refletimos sobre a cidade, abordada em perspectiva discursiva, a qual chamaremos aqui (a partir de agora) de Cidade Discursiva. A Cidade Discursiva trata das produções de sentidos oriundas das diversas produções midiáticas, dentro da Ecologia da Comunicação que atravessa o urbano.

Esses sentidos conformam a própria cidade, o que é próprio dela e o que não é. Não se trata de pensarmos elementos outros de constituição das cidades, que não o discurso e, por consequência, a comunicação. Não tratamos de disciplinas como a arquitetura ou a geografia para abordar a urbe, embora estas perspectivas possam ser mobilizadas para adensar o debate sobre a Cidade Discursiva

Na perspectiva da Ecologia da Comunicação Urbana, temos a cidade como instância comunicacional, que se constrói na instância da comunicação midiática (foco de nossas

investigações) e, em nosso caso, a tessitura desta cidade discursiva midiática se dá a partir de discursos jornalísticos, publicitários e institucionais sobre a cidade.

A cidade é um ponto nodal de sociedades discursivas (Hoff & Rocha, 2011), como é o caso da nossa contemporaneidade. Discursos não são palavras isoladas, mas inseridas em um contexto ou em contextos. Em nosso caso, a própria cidade é esse contexto, no qual os sentidos da cidade se realizam; e os habitantes são os sujeitos cujas práticas discursivas fazem circular e fomentar os discursos:

> Pensando o habitante da cidade como sendo uma posição-sujeito significativa, podemos considerá-lo na perspectiva dos estudos da linguagem em que se afirma que é no sujeito que o mundo faz sentido e que a linguagem se diz, se realiza como discurso. (Orlandi, A Desorganização cotidiana, 2001, p. 4)

Vale ressaltar que o discurso está para além da palavra em si, pois discurso implica a língua em movimento e produzindo sentidos:

> a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando(Orlandi, Análise de Discurso: princípios e procedimentos, 2009, p. 15).

A importância de se estudar a cidade na instância discursiva (o que denominamos "Cidade discursiva") é uma tentativa de apreender os discursos como determinantes da produção de sentidos sobre o consumo habitacional. Entendemos os discursos como fundantes do que é compreendido como cidade e o que não é a cidade. Canclini, refletindo com Campra, entende que os discursos são os elementos essenciais para a fundação das cidades, conformando o que está dentro e o que está fora de seus limites:

> Segundo Campra, uma característica comum a essas cidades, reais ou imaginárias, é o fato de serem definidas em relação aos limites, como universos diferenciados frente à indeterminação da natureza. Mesmo quando as fronteiras não possuem a nitidez das muralhas, os textos que as fundam as imaginam distinguindo claramente o interior do exterior, o que está dentro e o que está fora. (Canclini, 2002)

Sendo os discursos fundamentais para a compreensão e constituição da urbe se faz necessário apreendê-los a partir de sua diversidade, ou seus sentidos e vozes. É a partir das diversas vozes que o discurso se constitui e reproduz.

Várias vozes, vários sentidos (polifonia/polissemia)

Abordar a cidade discursiva é uma tarefa um tanto complexa. Diversos são os fatores disso. Enquanto espaço heterogêneo que abriga tanto o local, quanto o global, a cidade, se torna é lócus privilegiado para o encontro das diferenças (Caiafa, 2003).

E essa diversidade faz com que a cidade tenha a condição de ser formada por diversas vozes (polifonia) que coexistem. Essa coexistência não é necessariamente amistosa, fazendo da urbe uma arena discursiva, na qual os discursos se enfrentam, colidem, complementam-se, sobrepõem-se, aproximam-se e se afastam.

Há de frisarmos que, quando falamos em polifonia no âmbito urbano, falamos em analogia ao pensamento de Mikhail Bakhtin, quando este autor aborda o conceito para a teoria do romance. O livre-docente em literatura russa, Paulo Bezerra, explica:

> A polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço do romance, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do autor, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens. (Bezerra, 2014, p. 195)

A cidade é a obra e as modalidades discursivas (textos jornalísticos, publicitários e institucionais) as vozes que carregam significações sobre a cidade contemporânea.

Vale destacar que, para Canevacci (2004), a cidade e sua comunicação fazem parte de um coro de várias vozes autônomas que se cruzam. Esse autor e obra são inspirações metodológicas para trabalharmos nesse trabalho, pois embora não trabalhe a partir dos conceitos bakhtinianos, para Canevacci, sobremaneira, é a polifonia (várias vozes) que resulta em polissemia (vários sentidos). É como se cada voz fosse um solista ou uma consciência que busca produzir sentidos na grande arena discursiva que é a cidade.

Ele ainda enuncia que para apreender (ou ao menos tentar) essa polifonia da cidade, é necessária uma metodologia que dê conta da diversidade. “Para Canevacci, a cidade comunica com “vozes” diversas e atuantes simultaneamente – por isso polifônica – e para interpretá-la é necessária uma metodologia e uma base teórica que também comportem essa diversidade.” (Condé, 1996)

A ideia de trabalhar a polifonia se faz necessária de ser explanada, pois ao trabalharmos com corpora distintos, entendemos que essa abordagem complexa metodológica, proposta por Canevacci, serve em aproximação para pensarmos os discursos midiáticos, tais como: jornalísticos, institucionais e publicitários.

A Mídia e a Cidade – o papel dos meios de comunicação de massa

O objetivo deste item é pensarmos teoricamente sobre a Cidade-Mídia, ou seja, o espaço urbano conformado a partir de processos midiáticos. Nosso entendimento de cidade como instância comunicacional passa necessariamente pela compreensão da cidade como mídia. A cidade como meio por onde circulam linguagens e produzem sentidos (Hoff & Rocha, 2011). Para termos de diferenciação, enquanto a cidade discursiva tem sua ênfase nos discursos, a cidade-mídia tem nos processos midiáticos.

Voltamos ao que falamos sobre a Comunicação enquanto disciplina do urbano. Embora insistimos que este trabalho não foca em outras disciplinas, entendemos que elas são indispensáveis para que a comunicação emerja como disciplina do urbano. A arquitetura, por exemplo, é uma delas, como aponta Lucrecia Ferrara.

> Funcionalidade e comunicação constituem dois parâmetros básicos da cidade através do seu meio originário, a arquitetura. Ou seja, a arquitetura induz, através de materiais, técnicas e formas construtivas, a função, o uso e o valor do espaço e, nesse sentido, constitui o suporte através do qual a cidade se constrói como meio comunicativo que possibilite sociabilidades e interações em constantes transformações. As propostas técnicas e funcionais da arquitetura constroem a cidade que se comunica através de imagens midiáticas e inusitadas interações: meios, imagens e mediações constituem a complexa comunicação que, sobretudo a partir da Revolução Industrial, tem a cidade como cena e motivo. (Ferrara, 2008)

Em nossa investigação, para além das questões arquitetônicas, pensaremos a emergência da mídia na cidade exclusivamente a partir dos meios de comunicação de massa. Entendemos que esses são espaços genuinamente comunicacionais de circulação de discursos por onde podemos compreender a constituição.

Embora nossa consideração da cidade enquanto mídia, necessita-se aqui fazer uma restrição. Interessa-nos em nossa reflexão a produção de sentidos na cidade nos meios de comunicação de massa, ou seja, aqueles que tem sua recepção voltada para um grande público.

Fazemos esse recorte para pensar naquilo que Canclini chama de recomposição da cidade que ocorre nos meios de comunicação de massa: "A caracterização sócio-demográfica do espaço urbano não consegue dar conta de seus novos significados se não incluir também a recomposição que a ação midiática lhes imprime." (Canclini, 2002, p. 41).

Para esse autor, os meios de comunicação de massa reequilibram a explosão desordenada da cidade rumo às periferias, fenômeno esse muito comum nos grandes aglomerados urbanos da América Latina, como é o caso de São Paulo.

Tão logo, esse reequilíbro é caro a esta reflexão pois caracteriza a mídia como as novas ágoras, ou espaços de discussão e ressignificação da cidade: "As comunidades organizadas pela mídia substituiriam então os encontros nas praças, os estádios ou os salões de baile pelos não-lugares das redesaudiovisuais." (Canclini, 2002, p. 42)

Especialmente, em relação à imprensa, a reconstituição de imaginários urbanos da cidade é tributária da produção de sentidos na Ecologia da Comunicação Urbana. Canclini reforça a ideia, que justifica nossa escolha pelos meios de comunicação de massa ao consideraar um jornal, por exemplo, como um veículo que não apresenta só discursos jornalísticos, mas também publicitários e institucionais.

> A imprensa contribui para a imagem de uma cidade massiva, cujas particularidades se concentram no centro histórico ou em outras regiões centrais. Às vezes, os jornais publicam informações sobre lugares pouco conhecidos, mas com maior frequência, principalmente em fotografias, mostram cenários facilmente identificáveis, que tendem a reproduzir saberes convencionais. Estamos, portanto, diante de um meio que oferece mais elementos discursivos que outros para refletir sobre a cidade e elaborar a condição de cidadão, mas que não contribui para expandir a visão sobre a cidade em uma proporção comparável ao crescimento de seu território e sua complexidade. (Canclini, 2002, p. 45)

Assim, entendemos que os meios de comunicação de massa são importantes locais de circulação de discursos e produção de sentidos sobre a urbe. São parte essencial para entendimento de como a Ecologia da Comunicação Urbana e esta reflete e refrata a urbe em todos os momentos. Não há possibilidade de pensarmos a cidades sem convocarmos uma análise de suas dinâmicas comunicacacionais, emissor, recector, mensagem e, especialmente os meios de comucação.

Os diversos Discursos Midiáticos e a produção de sentidos da e na cidade

A ideia central deste item é apresentarmos as características de cada uma das modalidades discursivas que, em nosso entendimento, produzem sentidos sobre a cidade.

Entedemos que as mensagens que circulam pelos meios de comunicação de massa na cidade são formadoras de opinião, e isso podemos aproximar com a produção de sentidos, no que tange ao que a análise de discurso.

Orlandi lê o processo como possibilidade de transformação de realidade:

> Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (Orlandi, Análise de Discurso: princípios e procedimentos, 2009, p. 15)

Em linhas gerais, o discurso jornalístico, em especial no gênero informativo, mas também no opinativo (Assis, 2010; Costa, 2010), tem por finalidade informar a população e claro, formar sua opinião.

Enquanto a linguagem jornalística possui a informação como finalidade, na publicidade é a persuasão e nos discursos institucionais é, de certa maneira, trabalhar a imagem da instituição frente aos seus públicos de interesse. Independente das idiossincrasias de cada modalidade discursivas pensamos que todas elas, enquanto discursos, produzem sentidos e esses, no caso desta tese, são essenciais para compreendemos a constituição da urbe. E por isso compreendemos que esses diversos discursos midiáticos conformam a urbe e são objetos interessante para entendê-la.

As palavras, sejam elas reportagens, anúncios ou comunicados, fazem parte de uma arena discursiva onde atuam a história e a ideologia. Essa arena análoga a Economia da Comunicação Urbana, pois fazer circular sentidos e, a partir desse movimentos os sentidos são reproduzidos e novos deles são produzidos. “As palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós” (Orlandi, Análise de Discurso: princípios e procedimentos, 2009, p. 20).

Considerações

Após este breve percurso teórico, compreendemos que é primordial apreender a cidade a partir da Ecologia da Comunicação, pois essa lhe é, antes de tudo, constituidora. Os processos comunicacionais e, consequentemente, os midiáticos, são contribuitivos para compreensão da cidade e para seu desenvolvimento, pois além de serem partes integrantes da urbe, assim como ruas ou os mapas, produzem sentidos da e na cidade.

A comunicação é, então, uma disciplina essencial para a compreensão do urbano, pois assim como disciplinas mais tradicionais, como a geografia ou a economia, também propõe uma conceituação do urbano como objeto de estudo, por meio do qual os processos comunicativos (produção, recepção,meio e mensagem) são conformadores e essenciais.

Não há cidade sem Comunicação, tampouco sem um discurso sem um discurso. Esses praticados sobre, na e da própria cidade. A cidade enquanto instância de discursividade produz seus sentidos. Importate ressaltar que é a partir da polifonia (diversidade de vozes) proporcionada pela urbe que se atinge à polissemia (diversidade de sentidos).

Os meios de comunicação têm papel fundamental neste contexto, pois é por meio de suas dinâmicas que a cidade é tida e até recomposta, como aponta Canclini.

Nossa pesquisa ainda está em processo embrionário. Após serem feitas as considerações teóricas, intentamos por aplicar os conceitos a objetos empíricos oriundos da comunicação jornalística, publicitária e institucional sobre a cidade. Desta maneira podemos afirmar ou refutar a cidade como instância comunicacional e o que consideramos a Ecologia da Comunicação Urbana.

Referências

Assis, F. d. (jul./dez. de 2010). Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. *Alceu, II*(21), 16-33.

Bezerra, P. (2014). Polifonia. Em B. Brait, *Bakhtin: conceitos-chave* (pp. 191-200). São Paulo: Contexto.

Caiafa, J. (Jun de 2003). Comunicação e diferença nas cidades. *Lugar Comum*, 91 -102.

Canclini, N. G. (2002). Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. *Opinião Pública, VIII*(1), 40-53.

Canevacci, M. (2004). *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.* São Paulo: Studio Nobel.

Condé, G. G. (1996). Para ouvir todas as vozes da cidade: a cidade polifônica - um ensaio de antropologia da comunicação urbana na obra de Massimo Canevacci. *Logos - Comunicação & Universidade*, *III*(1).

Costa, L. A. (2010). Gêneros jornalísticos. Em J. Marques de Melo, F. d. Assis, & (Organizadores), *Gêneros jornalísticos no Brasil* (pp. 43-84). São Bernardo do Campo: Universaidade Metodista de São Paulo.

Ferrara, L. D. (Abril de 2008). Cidade: meio, mídia e mediação. *Matrizes*(2), 39-53.

Hoff, T., & Rocha, R. M. (2011). Corpo-mídia e cidade-mídia como instâncias comunicacionais: consumo, imagens e identidade. *GT "Estética, cidades, design", do XI Congresso Lusocom*, (pp. 124-133). São Paulo.

Mumford, L. (1965). *A cidade na história* (Vol. I). Belo Horizonte: Itatiaia.

Orlandi, E. P. (2001). A Desorganização cotidiana. *Escritoss: percursos sociais e sentidos nas cidades*, *1*, 3-10.

Orlandi, E. P. (2004). *Cidade dos sentidos.* Campinas: Pontes.

Orlandi, E. P. (2009). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (8ª ed.). Campinas: Pontes.